



Olga de Sá

A Revista de um grupo de Pesquisa de Estudos pós-graduados em Literatura e Crítica Literária se chamará KALÍOPE.

Que é Kaliope? Segundo o **Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega**, de Junito Brandão (Vozes, 1991), Kaliope era uma das Musas, normalmente aquela que as comandava e dirigia.

*Kalliope* é composto de um elemento 'kall' de 'kalos', 'belo' e de 'ops, opós', 'voz'. *Kaliope* é a que tem uma 'bela voz'.

Ainda, segundo Junito, as Musas, de início, não possuíam uma função específica, mas a partir da época Alexandrina (séc. IV a. C.), cada uma das filhas de Zeus passou a presidir uma criação do espírito humano. Kaliope é apontada tanto como inspiradora da poesia lírica quanto da épica. Em muitas versões, unida ao deus rio Eagro, foi mãe de Orfeu.

Alguns mitólogos asseguram que gerou as Sereias. Ensinou o canto a Aquiles. Funcionou como árbitro entre Afrodite e Perséfone, na disputa por Adonis.

Kalíope é a deusa da Literatura. Principalmente, por isso, a escolhemos como título de nossa Revista.

Este primeiro número reúne os ensaios sobre a narrativa, focalizando: *A crise da identidade da narrativa*, principalmente em seus elementos considerados constitutivos, pela Crítica em geral.

Apontar que existe uma crise de identidade na narrativa moderna e contemporânea não é difícil, pois ela se manifesta na estrutura das narrativas literárias, cinematográficas, teatrais. Difícil é rastreá-la, identificá-la nos textos, caracterizá-la nas obras e nos autores.

Quando se fala em "identidade", pensa-se imediatamente em "identidade psicológica". E, em decorrência, tratando-se de Literatura, em crise da identidade psicológica de personagens.

Naturalmente, já se pensa em Psicanálise.

Alongando as associações, o sentimento de existir, a continuidade de ser – base da força do ego – tem a ver com o processo de separação – individuação, na diferenciação psíquica entre si e a mãe.

Tudo isso pode ser objeto de análise e crítica literária, tendo o cuidado de resguardar a especificidade da literatura, que não pode estar a serviço de outras áreas do conhecimento, sob pena de perder sua identidade.

Uma estrutura narrativa-romance, novela ou conto – tradicionalmente compõe-se de estruturas menores: episódios e incidentes. O gracejo, o dito, a anedota, a carta, segundo Welles e Warren (1976, p. 270), geraram as mais clássicas estruturas literárias.

Ainda, segundo Welles e Warren, o tempo da narrativa inclui não somente o período total delimitado pela história, mas o tempo da leitura, controlado pelo autor, que faz passar vários anos em meia dúzia de frases e consagra capítulos inteiros a um chá.

A personagem, tradicionalmente, se caracterizava pelo nome. Cada “apelação” era uma espécie de verificação e individuação. Apareciam também nomes alegóricos. Podia-se apresentar o aspecto físico ou/e analisar sua natureza moral e psicológica.

Havia caracterizações estáticas ou dinâmicas.

Existe hoje, gerada pela mobilidade social intensa, uma instabilidade que leva a pessoa a se dissolver dramaticamente em papéis desenraizados. Além disso, os progressos da ciência e da técnica criam um “sublime tecnológico”, que ameaça a continuidade do ser e o sentimento de existir. Quando a Literatura expressa essas mudanças vertiginosas, as antigas noções de espaço homogêneo e de tempo cronológico são artisticamente questionadas. Encontrando expressões novas para realidades novas, o tempo e o espaço, nas narrativas modernas e contemporâneas, se fragmentam e diluem, ampliam-se e restringem-se, assumindo formas estranhas e até bizarras. É toda uma vivência de angústia no espaço limitado de um pulôver ou no engarrafamento de uma estrada em Paris, como nos contos de Cortázar.

O espaço, paradoxalmente, se espicha e adensa em espaço metafísico; o tempo se condensa em termos de memória e a lembrança já não encontra o espaço de sua saudade, como Proust **Em busca do tempo perdido**.

O enredo se estilhaça em migalhas, em estrela de mil pontas, sem linearidade, sujeito que está às associações caóticas do narrador.

Contos e romances, poemas e crônicas, de tal forma se distanciam de suas características de origem, que nos questionamos se ainda é possível salvar o conceito de gênero. Como declara Clarice Lispector: gênero não me pega mais.

A personagem abandona seus delineamentos pessoais, figurativos e se converte em palavras, em personagem-texto, no dizer de Fernando Segolin.

Essa perspectiva serve de fundamento às abordagens da equipe de pesquisa, desde 2003. A Equipe, em 2004, com-

pôs-se de 17 participantes: 4 doutores, 3 doutorandos, 10 mestrandos.

Nem todos apresentam, nesta Revista, seus trabalhos. Mas os ensaios aqui reunidos, embora cada pesquisador aprofunde seu próprio tema, têm como denominador comum o objetivo de analisar a crise de identidade da narrativa, na obra de que trata o pesquisador.

Assim, Márcia Assis focaliza as *Idades de leitura como traço de identidade no livro ilustrado infantil*, *A identidade do narrador em Corpo de baile*, de Guimarães Rosa, é tema de Paulo César Lopes. *O mito do duplo e a identidade: do relato mítico ao romance moderno* é o tema de Regina Helena Dworzak. *Mircea Eliade e o mito*, por Brutus Abel Fratuze Pimentel, traz as contribuições da gênese dos estudos míticos como fundantes do processo de construção de narrativas em todas as culturas; *A identidade da literatura infantil contemporânea, a partir da narrativa mítica*, é assunto de Luciana Carnial; *Adeus ao eu: a enunciação do outrar-se*, por José Ney Costa Gomes, questiona a falta da perspectiva da alteridade. Cibele Costa aborda a *transformação da identidade de Jesus em O Evangelho segundo Jesus Cristo*, de Saramago; Jô Drummond mostra a ruptura narrativa provocada por **Grande Sertão: Veredas**, seja quanto ao tempo e espaço e destaca as especificidades da narrativa rosiana; *A construção do discurso metafórico em A maçã no escuro*, de Clarice Lispector, por Shizuko Higashi, sublinha a identidade de Martim, o protagonista. Nailton Santos de Matos focaliza *A crise da escritura e da identidade em Adonias Filho*. Gerson Tenório dos Santos em *Tempo e identidade na obra de Jorge Luis Borges* mostra como a narrativa borgeana ao desconstruir a concepção objetiva do tempo coloca sérios problemas a respeito da identidade da narrativa. Enfim, é uma rica diversidade, que por veredas múltiplas, se unifica no questionamento de como se deu a ruptura da narrativa em seus elementos estruturantes: espaço e tempo, narrador, autor, personagens, que se transmutam em linguagem.